

## Desafinado

O cinema hollywoodiano poderia ser realizado nos estúdios da Vera Cruz, em São Bernardo do Campo?

Para responder esta pergunta não é preciso nem chegar aos aspectos propriamente estéticos. Algumas considerações econômicas são suficientes. É claro que a quantidade de filmes produzidos e o nível de realização técnica são diretamente proporcionais ao capital movimentado pela indústria cinematográfica norte-americana. Não poderia ser diferente com a gravura.

No filme americano padrão, exibe-se uma imensa lista de créditos. São colaboradores, técnicos, empresas especializadas em efeitos especiais; seu trabalho garante um nível de acabamento impecável. Quanto mais caro o filme, mais longa a lista. O filme brasileiro, se chega a realizar-se, tem créditos muito mais sucintos. No entanto, um exército de colaboradores não corresponde ao maior significado artístico, ou o cinema atual seria forçosamente o melhor.

A gravura internacional mais importante, em especial a americana, é cada vez mais um empreendimento apoiado numa gráfica de grande porte, com uma equipe de técnicos especializados., cujas atividades só são possíveis em função de um mercado de arte estabelecido há muito tempo, e de proporções coerentes com a economia na qual se insere. Por outro lado, a gravura brasileira mais significativa continua sendo uma realização individual, às vezes com a ajuda de um único impressor, ou associações de pequenos grupos de artistas. O trabalho com um ateliê gráfico é a exceção, mesmo porque poucos existem.

A disparidade das estruturas econômicas atuando por trás da produção gráfica brasileira e americana é evidente. Basta reparar nos desenvolvimentos a partir dos anos 60, quando a gravura americana começa a se tornar mais influente. Sua expansão se dá a partir da litografia, com largo uso da cor, ligada à poética Pop, exigindo portanto múltiplas matrizes. Ou seja, parte-se da mais cara e complexa das técnicas gráficas, que dificilmente um artista pode operar sozinho. Desde então, a escala e a complexidade da imagem gráfica só têm crescido, abrangendo todas as técnicas, sua combinação, o uso cada vez mais extenso da fotomecânica e o computador. A esse crescimento corresponde obrigatoriamente o aumento de todas as instalações, e, é claro, de seus custos. É óbvio o respaldo do mercado de arte a essa expansão: sem recursos suficientes, não teria sequer acontecido.

No Brasil, o crescimento generalizado da imagem gráfica não aconteceu. Os artistas interessados em grandes dimensões usaram a xilogravura, a mais simples e barata das técnicas gráficas. Como pode ser impressa manualmente, elimina-se a necessidade das grandes prensas, inexistentes no país. Quando, nos últimos anos, se verifica o aparecimento de gravuras em escala similar a americana, realizadas em outras técnicas, elas são impressas em partes, na largura – limite da prensa, e posteriormente montadas.

Não faz sentido discutir a produção gráfica no Brasil desprezando sua inserção no contexto socioeconômico, tomando como referência obras realizadas para um mercado totalmente distinto. Escolher a melhor produção americana como paradigma, esquecendo que o nível médio dessa gráfica é similar ao de Hollywood: irritantemente bem-acabado, perfeita embalagem contendo seu próprio vazio. Filmes que terminam com a palavra “Fim”, gravuras feitas apenas para a parede.

Já se censurou a gravura brasileira pelas suas dimensões físicas reduzidas. Qual é o padrão para se determinar o que é grande? Se isso for critério definitivo de valor, a mesma observação vale para toda a produção plástica, para as galerias, as escolas, os museus e a crítica. Por uma ótica apenas quantitativa, tudo é pequeno comparado ao sistema internacional de arte. A única produção visual brasileira com escala suficiente seria a Rede Globo. Mas de que serviria comparar simploriamente o MASP ao Louvre? É melhor estar mais atento, sabendo reconhecer as qualidades. Sem dúvida, elas existem.

Uma condição de menos recursos pode se tornar privilegiada para a criação artística, levando-a a se ater apenas ao que realmente importa. Porém, uma obra singular apenas por receber a ação do meio não teria nenhum caráter. A fração mais consequente da atual gravura brasileira interpreta as limitações materiais como estímulo para o conhecimento. Se opta por soluções distintas das internacionais, não é para acomodar-se às restrições, mas por ambição. É intencionalmente desafinada. A grande questão da arte é a mesma em todo lugar, mas aqui elegeram-se veredas mais essenciais na busca da realização. A abordagem da gravura não é horizontal, pela expansão dos recursos técnicos, mas vertical: as experiências não se dirigem para os efeitos, mas agem internamente, na própria estruturação dos signos gráficos, e refletem sobre o sentido desta ação. Usam-se recursos mais estreitos, mas para a articulação exigente de uma linguagem poética própria. É sempre possível realizar uma gravura com uma lâmina só. O artista que não souber operar plenamente em condições mínimas corre o risco de ser sufocado por uma eventual abundância, ou, ainda pior, deslumbrar-se. Uma das obras mais significativas da arte contemporânea brasileira foi realizada por uma artista sem ateliê.

Os obstáculos, encarados atentamente, não são absolutos. Na pedra no meio do caminho podem ser descobertas as virtudes da pedra-sabão; só não poderá ser tratada como mármore. A partir do trabalho concreto, é inevitável a formação de uma consciência gráfica, uma atitude crítica independente, que não reflete apenas pelos critérios já estabelecidos. Uma gravura é concebida, antes de mais nada, como obra de arte contemporânea, e só depois matriz reprodutora. E se deseja dialogar com todo o pensamento artístico, não é como espectadora passiva, enquadrada em hierarquias há muito sem sentido, nem aceitando apressadamente conceitos surgidos em outro contexto cultural. Por mais que o mundo se globalize, as disparidades são inegáveis. As ideias não podem ser simplesmente transplantadas e impostas a outra realidade. No máximo, chega-se a um reflexo vacilante, que será comparado desfavoravelmente com seu modelo. Não se separam espaço e tempo: ser plenamente contemporâneo é não ser estrangeiro nem no lugar nem no momento.

A velha questão técnica volta a ser colocada nos termos adequados: como extensão do pensamento. Uma ideia na cabeça, uma câmera na mão. Se a economia brasileira ainda não sustenta a produção gráfica mais industrializada, essa aparente carência pode ser compensada solicitando o lado imaterial: precisão, clareza, sensibilidade, articulação, uma interpretação mais atenta da história da gravura, mas para pensa-la no presente. A melhor imagem gráfica sempre coincidiu com a redução de meios. Sem o estudo desse desenvolvimento, tão cuidadoso quanto o da pintura, escultura, arquitetura, é difícil compreender plenamente o “modus operandi” da gravura contemporânea brasileira mais consciente. Uma gravura com a consciência de Limite. Não saber expressar-se com meios mínimos é não ter nada a dizer.